BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA
ALEGRIA DE VIVER...
MPF
mocidade
portuguesa
feminina

SUMÁRIO

N.º 4

OBRA DAS MÃES PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

"MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA"

BOLETIM MENSAL — LISBOA, AGOSTO DE 1939

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina.
Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8.
Arranjo gráfico, gravura e impressão de Neogravura, Ltd.ª, Travessa da Oliveira, à Estrêla, n.º 6 — Lisboa

NÃO TRAIR NUNCA!...

Na bandeira de um colégio de província, do melhor que eu conheço — está gravada esta palavra linda, legenda de outros herois:

Malo mori quam foedari...

Morrer mas não traír!

Tôda a rapariga portuguesa devia escrever esta legenda na carne do seu peito. O heroi e o santo escreveram-na a fogo na alma. E assim venceram.

Os que querem ganhar o soberbo combate da vida, digo mesmo, da vida simples de cada dia, têm de fazer como aquele soldado da nossa História: — defender a bandeira da fidelidade a um ideal, a custo de tudo — à custa dos braços, à custa dos dentes... Se tanto não bastar é então o momento de morrer devagar.

Já não é permitido hoje a ninguém viver sem a obediência a princípios orientadores. Portugueses e cristãos — eternos portanto — têmo-los nós. Só não sabe o que quere e para onde vai o mau e vilão português — o português traidor a si mesmo, infiel ao imperativo que grita de lá do fundo de oito séculos de História das mais belas que o mundo tem.

Ouvi-me outra vez citar-vos Peguy, aquele que nunca se reconciliou com a mentira e com a infidelidade. Ouvi-o:

«C'est la grandeur du combat qui est tout...».

... O que nos deve importar para lá de tudo é que o *nosso* combate seja soberbo, que seja lindo — que a nossa vida cheire bem ao céu e à terra, e que cada um caia no campo de batalha com a alma direita — em pé...

Outra vez Peguy neste verso seu:

«Heureux ceux qui sont morts d'une mort solennelle».

Morrer solenemente...

Saboreia-me bem esta palavra de entontecer: Morrer sem traír a ninguém e a nenhuma verdade.

Sem traír a Deus e a Pátria...

São hoje tão raros os corajosos — estes corajosos!

E' que mais e mais vai escasseando na terra êste fogo abrasador que queima os que sabem que tomaram compromissos.

São tão raros os que se não esquecem do que prometeram a Deus e aos Homens...

Como que vai apodrecendo o coração na terra...

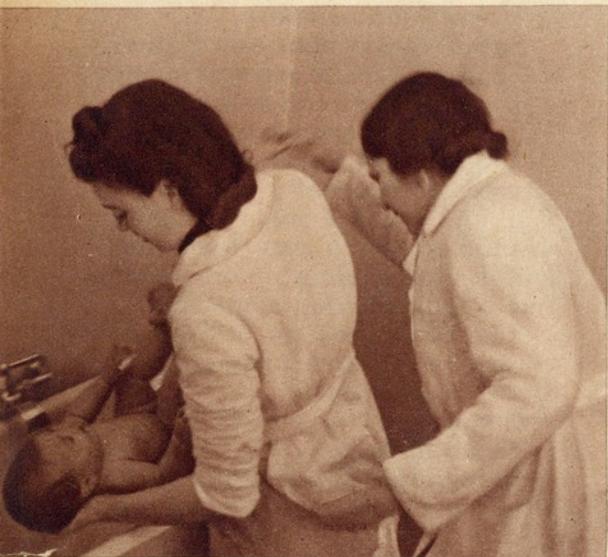
Coragem! Admirável palavra que tem o coração por raiz profunda! (1)

Hora de fidelidade é esta hora medonha do mundo. Temos que estar no nosso posto — escutas, atentos a tôda a investida. As piores são as surdas, as que já andam sob nossos pés. Foi o enorme pecado desta gente de agora: nem deram conta do inimigo — e nem viram que cedendo como cediam era o inimigo que lhes entrava na alma...

Nós, não.

Não caíremos em traição!

G. A.

(1) C. Weyer — «Le Flâneur sous la Tente».

TERMINOU há pouco o 1.º curso de Graduadas que funcionou em Lisboa, no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, e foi freqüentado por filiadas da M. P. F.

Do programa do curso fazia parte o ensino da moral, economia doméstica, puericultura e enfermagem, educação física, formação nacionalista e canto coral.

Que vêm a ser, dentro dos quadros da Mocidade Portuguesa Feminina, as *Graduadas?*

Qualquer coisa de equivalente ao que são os cabos, os sargentos, ou mesmo os oficiais superiores em relação aos soldados?

Não. Não é uma questão de *patente*. Uma Graduada tem uma categoria superior à massa das filiadas, mas essa dignidade não é apenas uma questão de tempo de serviço ou mesmo de superioridade de estudos.

As filiadas da M. P. F. são a *élite* da organização. Mas o que vem a ser uma *élite?* O que há de melhor.

Uma Graduada deveria ser "uma bela sem senão".

Esta exigência de aperfeiçoamento das Graduadas deve ser a base mais sólida da M. P. F.

A M. P. F. dirige-se à multidão das raparigas, pois o seu fim é renovar a sociedade portuguesa. Mas não se pode esperar nem exigir da multidão um grau de aperfeiçoamento a que só chegam as escolhidas, o pequeno número — a *élite*.

O ideal da Mocidade é para tôdas o mesmo; mas as Graduadas têm o dever de se distinguir pelas suas qualidades e pelos seus bons serviços. A preparação que lhes é dada e a dignidade que lhes é conferida criam-lhes responsabilidades de *dirigentes* — e é essa a missão especial das *élites*.

Como exercer influência — a influência que é uma atribuïção da *élite* — se as pessoas que compõem essa *élite* não forem verdadeiramente superiores?

Pertencer a uma *élite* não é gozar dum previlégio, orgulhar-se duma superioridade que dá direitos sem impôr deveres. As Graduadas que são a *élite* da Mocidade, devem encarar o seu cargo dum modo bem diferente: as suas obrigações são mais pesadas por que o seu dever de *servir* é maior!

As Graduadas devem ser na massa das filiadas o que o fermento é no pão. Compete-lhes a alta e nobre missão de fazer levedar a *massa,* isto é, de insuflar-lhes o espírito que a faça crescer, transformada e engrandecida pela aspiração de um grande ideal.

As Graduadas da M. P. F. precisam, pois, de possuir uma sólida formação moral e até qualidades naturais que marquem a sua superioridade para que, sendo respeitadas, sejam obedecidas e, sobretudo, sejam imitadas.

Uma Graduada deve dar sempre bom exemplo. Se a sua correcção se manifestar apenas no desempenho do seu serviço e a sua conduta pessoal fóra da Mocidade for digna de censura, não mereceria o seu distintivo, porque uma Graduada tem o dever de em tôda a parte edificar.

E o modo mais simples e o único eficaz de *edificar* é dar *bom exemplo.*

Os sermões, na bôca das raparigas, podem parecer pretenciosos. Mas o seu bom exemplo prègará com uma eloqüência que ganhará as almas e as conduzirá ao bom caminho.

Graduadas da Mocidade! Na vossa vida associativa dai o exemplo da disciplina; na vida social dai o exemplo do aprumo e da correcção (o que não vos impedirá de serdes elegantes e alegres, *verdadeiras raparigas);* na família dai o exemplo duma dedicação generosa e sorridente, que espalhe alegria e paz à vossa roda, embora às vezes o contentamento dos outros seja um pouco à vossa custa!

Cabe-vos ainda um dever: fazei propaganda da "Mocidade". Se a trazeis no coração, falai dela com o amor que lhe tendes...

MARIA JOANA
MENDES LEAL

FILIADAS DA MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA NAS AULAS DE CULINÁRIA E PUERICULTURA DO CURSO DE GRADUADAS

Bondade e Misericórdia

MOCIDADE Feminina de Portugal, cultivai em vós a bondade de coração. A bondade deve ser em todos os tempos, lugares e civilizações, a nota distintiva da mulher, em tôdas as situações da sua vida. E' a mais feminina de tôdas as virtudes femininas e a mais portuguesa de tôdas as virtudes, e que bom é ser bom num mundo que faz consistir a beleza e o bem na fôrça bruta, no ataque à família, na destruïção das pátrias e no ódio a Deus. A bondade aquece os próprios túmulos, lançando sôbre as cinzas dos mortos pétalas de rosas perfumadas; a bondade é a beleza e o bem cantando tudo o que há de nobre e elevado no coração humano; a bondade não é juiz mas anjo de paz cujas asas invisíveis agitam suavemente os corações humanos. Sêde boas e levareis atrás de vós o coração da humanidade que sangra como não sangrou há XX séculos, porque as dores e agonias da apostasia, fazem sofrer sete vezes mais que as trevas do paganismo. Sêde boas e elevareis Portugal às maiores alturas e às maiores glórias.

Juntai à bondade a misericórdia. A bondade guarda os sofrimentos para si e dá a todos, sem distinção, sorrisos de bem querer... A misericórdia vai mais longe: busca a miséria, dá o coração à miséria, *como a etimologia da palavra o indica, em paga de um olhar de ódio, envia um sorriso de perdão, torna-se de rica pobre para minorar a fome, a sêde, a nudez dos seus irmãos e é mais feliz quando dá do que quando recebe.*

Dá a quem precisa sem distinção de classes, raças ou nações, dá aos crentes, descrentes, aos inocentes e até aos criminosos. A misericórdia é a expressão mais alta da caridade, do amor.

Raparigas da Mocidade, amai a bondade e a misericórdia e sereis, não só o sol de Portugal aquecendo, alegrando, vivificando, mas até do mundo inteiro. A' luz das quinas, que é distintivo das vossas fardas, abri o vosso coração à miséria moral e material, como Cristo abriu as suas chagas para salvar a humanidade:

Deve ser êsse o vosso programa.

MARY FORBES

COLÓNIAS
DE FÉRIAS

A Mocidade Portuguesa Feminina vai ter êste ano as suas primeiras *Colónias de Férias*.

Serão 3. Uma no Estoril, para as filiadas do Sul; outra na Nazaré, para as filiadas do Centro e ainda uma terceira no Norte, para as filiadas dessa região. As Colónias de Férias da M. P. F. obedecem, como tôdas as outras iniciativas tomadas pelo Comissariado Nacional, à preocupação de aperfeiçoamento das filiadas. Sem dúvida, uma Colónia de Férias é um meio de recuperar ou fortalecer as fôrças físicas. E porque a saúde é um bem precioso, se outro fim não tivessem as Colónias de Férias, êste seria já suficiente para as tornar úteis. Mas, uma Colónia de Férias que atendesse ùnicamente a proporcionar uns dias de descanso e de aperfeiçoamento físico, seria uma obra que, podendo ser perfeita, ficaria incompleta. E deixar um bem em meio faz pena!

Por isso o Comissariado Nacional da M. P. F. procurará não desperdiçar nenhum meio para que êsse bem seja completo. As filiadas encontrarão nas Colónias de Férias boa alimentação e bom ar, repouso e exercícios físicos, tudo quanto pode contribuír para as tornar mais fortes e sàdias.

Não lhes faltará também um ambiente de alegria que lhes dê a saúde moral, sem a qual não existe perfeito equilíbrio. As Colónias de Férias da M. P. F. serão uma reünião de família, em que haverá um coração de mãi a ocupar-se de cada uma das raparigas, procurando conhecê-las na intimidade do viver simples daqueles dias despreocupados e alegres, para sôbre cada uma ter a influência que corresponda ao seu caso pessoal, e, assim, a cada uma tornar proveitosa a passagem pela Colónia de Férias.

Uma médica, permanente em cada Colónia, vigiará pela saúde das raparigas e um grupo de Instrutoras, já preparadas pela Mocidade, ajudará na educação física, superiormente orientada por uma professora de gimnástica, e colaborará na formação moral e intelectual que nas Colónias de Férias se procurará realizar, dum modo agradável e atraente: com jogos, canções, etc.

As Graduadas e Instrutoras farão na Colónia o seu estágio, e, dêste modo, as Colónias de Férias não só lhes proporcionarão dias felizes, como contribuïrão para o acabamento da sua formação.

As nossas Colónias de Férias, que se destinam a filiadas de tôdas as classes sociais, serão, pois, escolas de aperfeiçoamento e de alegria, sem deixarem de ser uma ocasião de revigoramento físico.

M. J.

FÉRIAS

«GOSTEI muito do primeiro número da nossa Revista. Deu-me a completa idéa duma mãi a falar às suas filhas.»

Uma de vós, numa carta que nos escreveu, pôs estas palavras gentis que nos chegaram ao coração porque o nosso desejo não é outro senão fazer-vos sentir a sinceridade e o carinho do nosso *querer-vos bem!*

E é como uma "mãi" que vos vamos dar hoje alguns conselhos, a completar as respostas que têm vindo publicadas sôbre a pregunta que vos fizemos: "Como deve uma filiada da M. P. F. preencher as suas férias?"

Antes de mais nada, deixai-me dizer-vos que temos lido as vossas respostas com muito interêsse e satisfação por ver o "bom espírito" que as tem ditado.

E' indiscutível que as férias são para descansar; esquecê-lo, seria estragar as nossas férias.

E se, como é provável para a maior parte das filiadas da M. P. F., a vossa fadiga é uma resultante do trabalho intelectual, atendei a êste primeiro conselho: fechai os livros durante os primeiros dias das vossas férias.

Passeai, vivei em contacto com a natureza, prolongando a vossa permanência nos pinhais, se estais no campo, ou na praia, se tendes por companheiro o mar.

Deixai em paz os livros de estudo e até os romances... Sêde *analfabetas* durante uma semana. Vivei de ar puro e não de literatura.

Passada essa "cura" de repouso absoluto, reconciliai-vos então com os livros. Lêde, mas sem exagêro, e livros bons, bem escolhidos! Ponde de lado os livros que possam fazer mal à vossa alma. Olhai que ninguém vos poderá restituir a paz e a inocência que êles vos tirarem!

E assim como vos recomendo umas tréguas nos vossos estudos e leituras, também vos aconselho, se vos sentis fracas e cansadas, que refaçais primeiro um bocadinho as vossas fôrças antes de vos entregardes a desportos fatigantes.

Há raparigas que ao chegarem às férias se lançam logo numa vida desportiva extenuante. Quando as férias terminam é então que verdadeiramente estão necessitadas de repouso!

Ora é necessário que as férias vos refaçam as fôrças, vos preparem para entrar num novo ano de trabalho com mais energia e mais coragem.

Fazei desporto, sim, mas sem exagêro nem snobismo. O desporto é um meio de cultura física, é, portanto, um meio para ajudar a nossa saúde e não para a arruïnar.

A regra, sôbre desportos, é esta: em dose moderada, fazem bem; em excesso, prejudicam.

Nem todos terão possibilidade de fazer desporto, pròpriamente dito: *tennis, golf,* natação, etc.

Mas o que importa é fazer exercício. Se não tiverdes um campo de *tennis,* jogai a bola, o *ring*... ou até "o gato e o rato" ou "o pilha três".

Andar, a que mais pomposamente podereis chamar *footing,* é um bom exercício; ajuda a activar a respiração e a circulação, a fortalecer os músculos, a abrir o apetite e até a retemperar os nervos.

Dai todos os dias um bom passeio. As vossas férias não se devem passar de manhã na cama e à noite na sala dum casino. Seriam férias que não aproveitariam nem ao vosso corpo nem à vossa alma.

Levantai-vos cêdo e mais vale que vos deiteis com as galinhas do que com os morcegos!

Eu bem sei que a gente môça gosta de dançar. Pois dançai! mas sem perderdes as noites num rodopio sem fim.

A dança, em si-mesma, não e má. Em todos os tempos se tem dançado e naturalmente continuar-se-á a dançar até ao fim do mundo!

Mas a dança, que é um divertimento legítimo, pode, no entanto, tornar-se mau e culpado.

Um divertimento *mau,* porquê?! Se caír no exagêro. Quantas raparigas, que se desculpam com a saúde para viverem uma vida preguiçosa, inútil e egoïsta, dispensam sem contar as suas fôrças numa sala de baile!

Está calculado que uma dança, em média, equivale a uma caminhada dum quilómetro. Fazei a conta ao número de quilómetros que ao som dum *jazz* tereis percorrido depois duma noite de dança!...

Mas há raparigas que só se sentem contentes depois de terem dado 3 vezes a volta ao mundo sem sair de entre as 4 paredes duma sala!

E como é que a dança se pode tornar um divertimento *culpado*?!

Depende do *modo* de dançar. E' difícil dar conselhos sôbre êste ponto. Mas uma rapariga bem formada, uma rapariga de alma delicada sente quando o modo de dançar do seu par — ou o seu próprio — é incorrecto. E, nesse caso, *tem o dever* de se resguardar do mal, recusando-se a dançar com quem a não respeita, ou obrigando a uma mudança de atitudes. E para isso não é preciso ser a Padeira de Aljubarrota!... Não são precisas bofetadas nem discursos para castigar um atrevimento ou dar uma lição. Bastará uma expressão de descontentamento, e, se preciso fôr, uma palavra séria, para chamar à ordem.

Uma rapariga pode manter-se sempre digna sem perder nada da sua gentileza e do seu encanto.

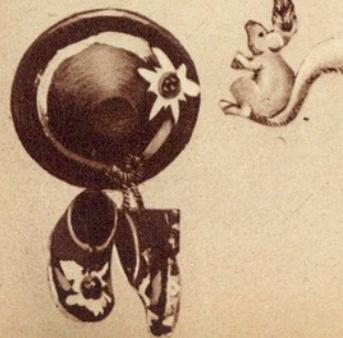
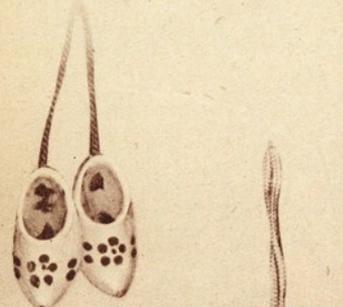
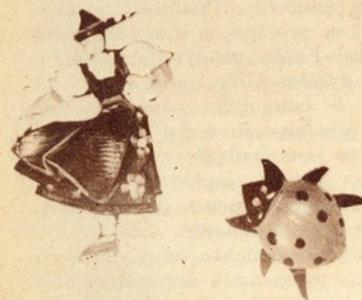
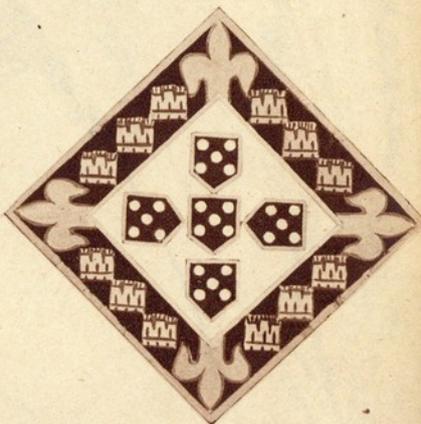
COCCINELLE

EM LOUVOR DAS BATAS BRANCAS

USAM-SE hoje, em quási tôdas as escolas, obrigatòriamente, batas brancas. Foi uma ideia feliz. Uma bata branca, bem lavada e engomada, fica bem a tôdas as raparigas. Além de ser higiénica, é bonita! E depois uma bata branca iguala pobres e ricas; e como a tola vaidade humana marca distâncias entre um vestido de chita e um vestido de seda, a bata que esconde o vestido barato e vèlhinho dumas e cobre o vestido caro e novo doutras, realiza dentro da escola o que o espírito cristão procura realizar no mundo: a aproximação fraternal dos homens, na simplicidade e no amor.

Mas, com a nossa tendência para estragar o que é bom, começam logo os nossos defeitos a introduzir-se em tudo!

E, assim, vemos raparigas que usam a bata aberta e elegantemente (!) afastada para trás para deixar ver o vestido em que fazem gôsto!

Uma bata desabotoada é feia, porque dá um ar de desmazelo que fica mal. Reparem bem!

E confessai que sentirieis um bocadinho de vergonha se alguém vos descobrisse a intenção: a *ridícula intenção* de mostrar o vestido novo ou mais bonito do que o das companheiras.

Outras riscam com lápis nas costas, nomes e bonecos. Que feio! Outras ainda, achando talvez a bata singela de mais, enfeitam-na com tôda a espécie de *mascottes!*

Pares de minúsculos sapatos, cãis e gatos, automóveis e aviões, e até por vezes um coração que se abre com uma porta, precioso relicário que contém a vera efígie de algum *santo* ainda não canonisado...

A frente da bata de algumas raparigas parece o mostruário dum dêsses vendedores chineses que por aí vemos nas ruas!

E todos êsses berloques andam à mistura com o emblema da «Mocidade», da J. C. F., etc.

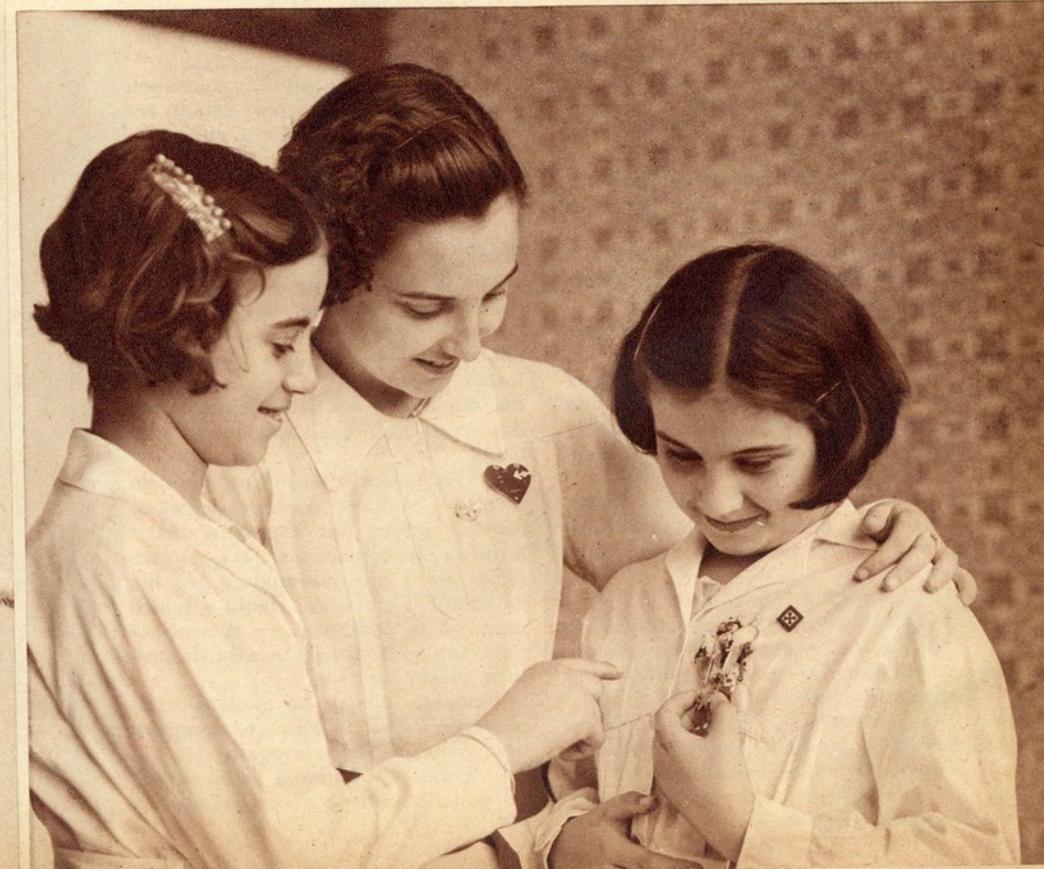
A bata é um uniforme, e sôbre os uniformes só são permitidas as condecorações. A vossa (enquanto não ganharem outras) é o emblema da «Mocidade» ou de qualquer outra organização igualmente séria.

Ainda alguns conselhos. Quando mandarem fazer uma bata recomendem que lhe deixem uma bainha larga; como, na vossa idade, o corpo cresce e a bata não, não tarda a bata a estar ridìculamente curta.

Do mesmo modo as mangas, que vão subindo, subindo...

E para terminar, uma lembrança: se sem sacrifício podeis substituir uma bata que se tornou demasiado pequena para vós por uma bata nova, ao vosso tamanho, pegai na bata que já vos não serve, e que estará talvez ainda em muito bom estado, e entregai-a discretamente à vossa Directora do Centro e esta, também discretamente, a dará a alguma das vossas companheiras mais pequenina e mais necessitada — que ficará bem contente com ela!

PÁGINA DAS LUSITAS

POR MARIA PAULA DE AZEVEDO

ERA UMA VEZ... *as diabruras de* JOAQUINA *rabina*

JOAQUINA tinha nove anos; era bonita, forte, engraçada. Como não tinha irmãos com quem brincar, entretinha-se muitas vezes sòsinha; mas o pior era o mau génio e o gôsto que tinha em fazer partidas desagradáveis a uns e a outros. Quando ia passar a tarde a casa dos primos, as próprias criadas ficavam aterradas com as idéas de Joaquina; e a tia pedia-lhe sempre:

— Vê lá, Quininha, não faças maldades! Não te lembres de partidas a ensinar à Isabel, não passeies na borda do tanque, não?

Brinquem antes com as bonecas — Quininha respondia, cheia de boa vontade:

— Pois sim, tia — mas daí a momentos o seu espírito vivo inventava tolices qual delas a mais detestável!

— Olha, Isabelinha — lembrou ela nessa tarde — as bonecas adoeceram tôdas: têm varicela. Mas como se vacinaram não há 'perigo; vão para a cama e nós vamos fazer partidas.

Isabelinha tremeu; mas Joaquina continuou:

— Não são coisas que façam mal a ninguém. Vamos começar por... Olha, dá cá uma agulha.

— Uma agulha. Para quê? preguntou Isabelinha.

— Não sejas parva — ralhou Joaquina — vou enfiá-la. — E, com a agulha enfiada na mão, Joaquina e Isabelinha, dirigiram-se ao quarto dos pais, pé ante pé.

— Vamos coser as mangas da camisa da tia, percebes? — disse Joaquina a rir. Mas Isabelinha não percebeu.

— Para quê? — preguntou.

— Para a tia não poder enfia-las logo à noite! — explicou Joaquina, começando a dar grandes pontos nas mangas de fina sêda.

Isabelinha tinha quási vontade de chorar... Joaquina dobrou cuidadosamente a camisa e continuou:

— Vamos pôr uns feijões dentro dos sapatos do tio: Quando os calçar a tôda a pressa, faz-lhe doer!

— Não acho graça nenhuma a essas maldades, disse Isabelinha, amuada.

— Bem, então vamos para a casa da costura para o pé da senhora Perpétua — respondeu Joaquina.

Mas a senhora Perpétua, entretida a coser a roupa da lavadeira, não apreciava a companhia de Joaquina, sempre pronta a apoquentá-la; e continuou a coser em silêncio.

— Olhe, senhora Perpétua, sabe que me fez pena o seu Maltez quando passei esta tarde pela sua casa? — disse Joaquina, com desusada doçura. A senhora Perpétua olhou-a por cima dos óculos.

— Que tinha o Maltez, menina? Estava são e escorreito quando vim para cá.

— Coitadinho do gato! — continuou Joaquina, tristemente-pelo estado em que o vi, deve estar morto, mesmo... A senhora Perpétua levantou-se, chorosa, e exclamou:

— Ai, menina, não me diga outra! O pobresinho do animal miava esta manhã que cortava o coração... Deixa-me já ir ver o que lhe sucedeu — e a senhora Perpétua saiu da casa da costura com lágrimas nos olhos e gemidos sem fim. Joaquina e Isabelinha foram tomar chá; e daí a momentos ouvia-se a voz lamurienta da velha costureira, queixando-se às criadas:

— Ora vejam o feitio tôrto daquela menina! Se há-de procurar ser agradável à gente, dar alegria a uns e a outros, fazer partidas boas, não senhor: só o que incomóda é que lhe dá gôsto! T'arrenego. Daqui a pouco ninguém a pode ver. — A senhora Perpétua voltou para a casa da costura, muito zangada.

Joaquina ouvira as queixas e as observações da velhota; e, como era inteligente, começou a pensar...

— Então eu tenho o feitio tôrto? Só dou desgostos e aborrecimentos a uns e a outros? Podia fazer partidas que dessem alegria...

— Em que pensas, Quininha? — preguntou a tia, ao vê-la tomar o seu chá em silêncio. Joaquina levantou-se e chegando ao pé da bôa senhora, abraçou-a e respondeu:

— Tiasinha, vou ver se mudo as minhas diabruras para coisas bôas! Senão, daqui a pouco todos me detestam...

— Que dizes tu, menina?! — preguntou a tia, sem compreender.

— E' que eu, afinal, não sou querida de ninguém, Tiasinha! Só faço zangar as pessoas! e ninguém gosta de mim! Então resolvi dar gôsto e alegria a todos. Olhe, quere que lhe vá buscar o banquinho para os pés? Quere que lhe deite o chá na chícara? Quere os seus óculos?

A tia estava espantada! e, encantada com a doçura da sobrinha, beijou-a afectuosamente.

D'então em diante as partidas de Joaquina passaram a ser sempre surprezas agradáveis para todos. Quando ela chegava a qualquer casa só se ouvia dizer a grandes e pequenos, entre os risos alegres que a acolhiam:

— Lá vem a Quininha, que bom!

E nunca mais ninguém lhe chamou Joaquina Rabina!

ABELHINHAS

— ORA, minhas ricas abelhinhas — declarou a Abelha Mestra — aqui estamos nós outra vez reünidas; trata-se de saber o mel *que a colmeia há-de recolher em Outubro!*

— Em Outubro porquê? então não há Setembro primeiro? — preguntou uma.

— Mete a viola no saco, abelhinha abelhuda! — respondeu Maria Amélia.

— Então não sabes que em Setembro vai tudo para as praias ou para as quintas, e é custoso a gente reünir-se?

— Mas pode-se trabalhar na mesma — observou outra.

— E até mais, talvez — tornou a Abelha Mestra.

— E é para combinarmos isso tudo a reünião dêste mês. No Boletim de Outubro, há-de sair bem explicadinho o seguinte:

1.º — Quantos são os centros formados e de quantas abelhinhas;

2.º — Os nomes delas e os trabalhos que fizeram;

3.º — Qual é o dia em que se levam os brinquedos aos pobresinhos.

E quem tiver preguntas a fazer ou qualquer comunicação importante — continuou Maria Amélia — não tem mais nada a fazer do que dirigir-se à Directora da Página das Lusitas, pondo por baixo do nome dessa senhora: Abelhinhas.

— E a morada dela qual é?

— Agora está numa quinta onde até gostava que as abelhinhas fôssem uma tarde, sabem? E é para lá que se escreve: Quinta da Samaritana—Belas.

— Era engraçado irmos lá, não era?

— Por hoje... acabou a sessão — concluiu a Abelha Mestra — Mas não esqueçam mandar informações dos novos Centros antes *que apareça o Boletim de Outubro.*

A LUSITA nunca deve:

Deixar-se levar pelo mau génio: se se sentir furiosa, basta contar até dez *e a fúria abranda logo!*

Ser indelicada com ninguém: tornando-se agradável *todos a apreciam.*

Deixar de procurar o lado bom *das coisas: pois* tudo *neste mundo tem um lado bom.*

Charadas e Adivinhas

Esta mãi latina — (2 sílabas)
E' apelido e é planta — (2 sílabas)
Sua beleza é modesta
Mas o seu perfume encanta!

I I I

Tenho pernas mas não ando,
Tenho braços, não abraço.
Muito aprêço me dão todos
Ao sentir grande cansaço!

(A solução vem na página 16)

MEMÓRIAS *dum* LÚLÚ *branco*

HÁ coisas que eu não entendo: porque hão-de as minhas donas fazer uma voz verdadeiramente ridícula (parecem cachorrinhos a chiar) cada vez que querem ser amáveis?!

Tanto as mãis como os filhos, todos se esganiçam para falar comigo!

O dono, êsse nem por isso conversa muito; mas é tão meigo! e cada vez que se dirige a mim é a pedir beijinhos! E eu quando oiço aquele ciciar dos seus beiços, corro para êle a galope e dou uns pulos, saracoteando-me no meio, que o entusiasmam! Pareço um saca-rolhas! De dia para dia eu sinto crescer a amizade dele por mim (está quási como o Shopenhauer, que gostava mais dos cãis do que dos homens).

A's vezes vêm imensas amigas das donas tomar chá (eu fixei os dias porque não as largo durante a paparoca e apanho sempre alguns bolos). Elas dizem que vêm trabalhar: mas eu não entendo o trabalho delas, pois estão que tempos sentadas à roda da mesa a olharem para os trapos que têm no colo e a picá-los com agulhas; será êsse o trabalho? Verdade seja que têm no dedo grande um carapuço de prata; e andam com umas agulhas enfiadas para cá e para lá nos tais trapos.

E' certo que os momentos mais desagradáveis da minha vida são aquêles em que a dona se senta ao piano: um monstro preto e luzidio com uma quantidade de dentes brancos e uma voz! Oh que horror de voz...

Já é tempo de eu falar na pequenada que vivia numa grande e linda casa branca, no fim da quinta.

Eu nem por isso tenho muita paciência para aturar miudos, isso não; mas quando vejo a Elisinha, uma garota com bochêchas mais vermelhas do que uma maçã bemposta, vir direita a mim, e mostrar os seus dentes miudinhos, e coçar-me o peito com tôda a pachorra, ponho-me logo a adorá-la!

O rancho todo anda sempre à roda de mim, a piar como pintainhos, com vozes esganiçadas.

— Lú! Lú! Lú! — é o que se ouve a todo o momento, quando eu tomo a resolução de ir ver as crianças à Casa Branca, saindo do jardim lá da casa com um enorme pulo por cima da cancela.

O meu dono embirrava deveras que eu saísse do jardim sem licença dele; e mandou fazer tôdas as cancelas mais altas por minha causa.

Eu via o carpinteiro a pregar, a serrar, a arranjar aquela trapalhada tôda; e sentava-me, todo grave, ao lado dele.

Mas que vontade de rir eu tinha! E pensava, de mim para mim:

— Pois sim, vai pregando, carpinteiro! Vai serrando, carpinteiro! Logo à tarde armo um salto tamanho que chego num ai ao outro lado! e lá vou para a Casa Branca visitar a miuçalha.

E assim era; até que o dono desistiu de me proïbir a saída do jardim: saio quando me apetece.

A's vezes quando eu chego à Casa Branca, lá está a mestra das crianças a tocar num objecto chamado harmónio, (parecido com o piano) com as mãos, com os pés, mesmo com a cabeça que nunca está quieta, e o rancho todo a gritar ao mesmo tempo. E quando se juntam os lá de casa também? Que inferno!

Há gritos fininhos, como quando eu choro, e gritos grossos; mas nenhum se parece com a bela voz dum cão de raça, isso sim! Por mais que tentem, coitaditos, não conseguem ladrar!

De cada vez que a tropa se põe a berrar ao mesmo tempo a senhora faz berrar o tal harmónio; e eu desconfio que é para ver quem tem mais fôrça!

Por isso, um dia resolvi pôr-me no meio da sala a uivar fininho ao mesmo tempo — que sucesso! As crianças começaram a rir, a rir que foi um gôsto; mas a mestra não me pareceu apreciar a minha idéa tão engraçada: parou de tocar e mandou-me calar com um ái! ái! ái! muito expressivo e o Martinho lembrou-se de me bater! Até o Mário me veiu puxar pelo pêlo!!

O que é certo é que em eu resolvendo ir ladrar em côro com as crianças, mandam-me logo embora; mesmo que eu mostre que me escandalisa aquele procedimento tão pouco delicado.

A Casa Branca tem lá um hóspede de minha especial embirração: um ridículo gato, de olhos tão verdes e tão fixos que julgo serem de vidro. Que antipático bicho! Quando me vê chegar, nas minhas graciosas correrias, entrando por uma das largas janelas da aula com um dos meus saltos já famosos, o tôlo salta para cima do parapeito, encolhe as patas debaixo do corpo, avança o quesilento focinho e não tira os olhos de mim: que nervoso!

Podia miar, roncar, mexer-se, comunicar comigo, enfim. Mas não: ali fica como se fôsse de pedra, olhando para todos os meus movimentos com os seus horríveis olhos de vidro.

(Segue no próximo número)

O Lar

A HABITAÇÃO

LIMPEZA (continuação)

FALÁMOS, no último número, da limpeza que é indispensável fazer diàriamente na casa. Hoje ensinaremos a fazer as *grandes limpezas* que convém fazer de vez em quando para conservar a nossa casa com o aspecto fresco e desenxovalhado duma casa nova.

MODO DE FAZER AS GRANDES LIMPEZAS

Tiram-se os móveis, tapetes, cortinados, quadros, etc., para desocupar o compartimento que queremos limpar porque, atulhado de coisas, mais difícil seria fazê-lo, e ainda para que todos êsses objectos possam ser limpos, o que seria impossível fazer bem se se conservassem nos seus lugares.

Os móveis que pelas suas dimensões ou o seu pêso se não puderem tirar cobrem-se com panos ou jornais, para que não caia sôbre êles a poeira que a limpeza do teto e das paredes levantará.

Começa-se por limpar o teto e em seguida as paredes. Depois lavam-se as partes de madeira: portas, janelas, etc. Lavam-se os vidros e os parapeitos da janela. Prepara-se o sobrado, pondo cera no chão ou esfregando-o, etc. Durante o tempo em que a cera seca ou o sobrado enxuga, pode-se aproveitar para tratar dos móveis e de todos os demais objectos que se retiraram para fora. Lavam-se os espelhos, areiam-se os metais, escovam-se os cortinados e reposteiros, batem-se os tapetes, lavam-se e passam-se a ferro as cortinas, limpam-se os bibelots, e, por fim, dá-se ainda uma volta ao chão e arruma-se tudo no seu lugar.

Vamos ensinar como se faz cada um dêstes serviços.

LIMPEZA DO TETO E DAS PAREDES

Abrem-se as janelas e fecham-se as portas para a poeira se não espalhar pela casa.

Com uma vassoura de cabo alto vasculham-se bem os cantos e os enfeites do teto para tirar as teias de aranha e desalojar a poeira dos seus ninhos.

O teto deve ser a primeira coisa a ser limpa porque, se o limpássemos depois, sujar-se-ia de novo aquilo que estivesse já limpo.

Para as paredes, se não tivermos uma escova especial, podemos servir-nos duma vassoura vulgar que se embrulha num pano branco.

As paredes limpam-se de alto para baixo; quando o pano está sujo dum lado, volta-se do outro, e quando está todo sujo vai-se sacudir e sendo preciso renova-se.

Se a parede for forrada de papel, maior cuidado ainda se deve ter em conservar o pano limpo, pois, se o pano estiver sujo, poderá estragar o papel.

Se as paredes forem pintadas e precisarem de ser lavadas, lavam-se com água e amoníaco. Passam-se depois com água limpa e enxugam-se com um pano.

Trabalhos de mãos

VESTIDINHO ARRENDADO

100 grs. de lã zéphir (2 fios) ou lã Nelly da côr que se desejar. Branco, azul, côr de rosa ou amarelo muito clarinho, são sempre as côres mais bonitas para os pequeninos. Para a lã Nelly, agulhas n.º 2.

Pontos empregados: Todo o trabalho é feito em ponto de liga, para o encaixe e mangas, e em ponto arrendado para a saia. Este ponto arrendado é feito assim: 4 voltas de liga, 1 volta de meia, deitando duas laçadas na agulha entre cada ponto; na volta seguinte faz-se a malha que ficou entre as laçadas, deixando caír as duas laçadas; na volta a seguir recomeça-se com 4 voltas em liga.

Maneira de fazer o trabalho: Faz-se em duas partes: 1.º a saia, 2.º o encaixe, que se liga à saia apanhando as malhas, como se verá. Deitam-se 84 malhas na agulha trab. verticalmente; 4 v. inteiras em ponto de liga; na v. seg. trabalham 5 m. em p. lig. (para o cós da saia); depois faz-se *1 só* laçada entre cada m. das 5 m. seguintes e *2 laçadas* entre as restantes m. na ag. Na v. seguinte trabalham-se tôdas as malhas mas deixam-se caír as laçadas (para formar abertos). Estas 6 v. formam umas riscas fechadas e abertas de bonito efeito, como se verá na amostra. Faz-se tôda a saia desta maneira até que se tenham 66 riscas, entre abertos e fechados, fechando-se o trabalho na 1.ª v. a seguir à última risca de abertos. Feito isto, começa-se o encaixe. Apanham-se 3 malhas entre cada ponto de liga no cós da saia, num total de 166 malhas, acrescentando 4 m. em cada extremidade para se sobreporem na abertura. Fazem-se 6 v. em p. de lig. Na v. seg. forma-se a 1.ª casa do lado esquerdo, rematando pelo avêsso três malhas, afastadas 4 m. da borda e que na volta seguinte se repõem na ag. (as 3 m. que se remataram na v. anterior). Segue-se assim abrindo as outras casas com o int. de 6 v. no total de 5 casas. Quando o encaixe tenha vinte voltas divide-se assim: 43 m. em cada extremidade da ag., para as costas, e as 80 malhas do meio para a frente. Trabalha-se 1.º o lado esquerdo das costas: — faz-se tudo a direito para a abertura das costas. Ao mesmo tempo, do lado oposto, forma-se a cava para a manga, assim: rem. por 2 vezes a 2 m. com 1 volta de intervalo. Depois rem. 1 só m. mais 3 vezes com 1 v. de intervalo. Continua-se a trab. a direito até que se tenham 47 v. Depois arrem. para o decote (pescoço) primeiro as 12 m. da borda, e depois, com 1 v. de intervalo, rem. 6 m., com outra v. de inter. 2 m. e (sempre com 1 v. de inter.) mais duas vezes 1 rem. Continua-se a direito até que o encaixe tenha 82 v. de altura (41 riscas de p. de lig.). Rem. então as m. restantes. Termina-se a outra parte das costas da mesma maneira. Retomam-se as 80 m. para a frente que se deixaram em descanso. Formam-se as cavas de cada lado conforme vem indicado para as costas. Na volta 36 (18 riscas) rem. 18. m. do meio. Trab. num dos lados; rem. para o decote, *com 1 v. de intervalo,* 6 m. 2 m. na v. seguinte e 1 m. mais 2 vezes. Na 84 v. (41 riscas) rem. as m. da 2.ª metade da mesma maneira que da 1.ª Depois de fazer as costuras dos ombros apanham-se tôdas as m. do decote e faz-se uma risca de abertos assim: — 3 v. em p. de lig.; na 4.ª v. faz-se um mate de 12 em em 12 m.; 5.ª, sem mates (tôda a direito); 6.ª, uma laçada em cada m.; 7.ª, trab. as m. deixando caír as laçadas; 8.ª, 1 mate de 6 em 6 m.; 9.ª, sem mates (tôda a direito); 10.ª, 1 mate de 8 em 8 m.; 11.ª, forma-se a última casa conforme indicação atraz; 12.ª, 1 mate de 10 em 10 m. Arrem. as restantes. *Manga* — Começa pelo punho: deitam-se 44 m. trab. 6 v. em p. de lig. Faz-se uma carreira de abertos, continua-se em p. de lig. na 6.ª v. Acima dos abertos trab. 8 m. e a seguir um aumento entre cada 1 das 28 m. seguintes; trab. as 8 m. finais. Mais 32 v. (16 riscas) sôbre tôdas estas. Depois rem. em cada extremidade com *1 volta de intervalo*, 2 vezes 4 m. 3 vezes 5 m., 1 vez 6 m., e na v. seg. tôdas as malhas restantes. Armam-se as mangas no vestido cosendo levemente de maneira que se consiga um direito perfeitinho. A saia fecha-se com costura.

Damos a seguir a explicação de algumas abreviaturas empregadas para que se torne mais curta a descrição dos trabalhos: Ag. para agulha; m. para malha; l. para laçada; p. para ponto; p. lig. para ponto de liga. p. m. para ponto de meia; aum. para aumento; mat. para mate; v. para volta; r. para risca; rem. para qualquer forma de rematar; int. para intervalo; extr. para extremidade; rest. para restantes; dim. para diminuições; carr. para carreira; trab. para qualquer forma de trabalhar. Estas abreviaturas serão publicadas em todos os números que tragam modêlos em malha, e outras que venham a ser necessárias.

Como deve uma Filiada da M. P. F. preencher o tempo de férias?

RESPOSTAS

Depende mais ou menos da sua vida em tempo de aulas.

E' evidente que uma aluna do liceu, cujos pais têm uma vida desafogada não passa as férias como uma filha de pais mais humildes, que façam sacrifícios para a sua educação, ou uma rapariga das Escolas Industriais.

Para umas, as férias são a interrupção das classes, uns dias em que se pode freqüentar todos os divertimentos, fazer só o que muito bem apetece.

Para outras, as férias são os dias em que não há aulas nem lições a preparar e por isso se aproveitam para ajudar as mãis nos trabalhos de casa, para fazer qualquer trabalho tantas vezes para seu uso.

E' por a vida de cada rapariga diferir tanto que também as férias de cada uma têm ocupações diferentes.

No entanto, tôdas podem e devem ter para os dias de férias, como aliás para todos os dias da sua vida, um programa organizado com tôda a inteligência e o melhor possível. Porque as horas da nossa vida, bem aproveitadas, chegam para muito. E são todos os nossos dias bem ocupados que fazem uma vida que nos aproveitará a nós e que será útil aos outros.

O tempo de férias não pode ser só para diversões e mesmo nós sabemos que nos fatigarão bem depressa os dias passados sem que nada de útil os ocupe. Quando chega a noite e nos lembramos que não fizemos nada nesse dia, há alguma coisa dentro de nós que nos reprova aquelas horas desperdiçadas, uma sensação de vazio que desagrada à nossa consciência.

Se a filiada estudar, e é êste o caso mais freqüente, as horas consagradas ao estudo serão mínimas, com excepção de uma aluna que necessite daqueles dias para a preparação de algum exame.

E entregamo-nos mais aos divertimentos e aos trabalhos leves.

Tôdas nós gostamos do tricot, dos bordados, e sentimo-nos satisfeitas quando vemos a nossa casa enfeitada com pequenos trabalhinhos feitos por nós; contribuímos para o embelezamento do nosso lar, que devemos sempre tornar o mais atraente e acolhedor possível.

E porque não também umas pequenas lições práticas de culinária? Um dia um prato para o almôço, outro dia um para o jantar, uma sobremesa e, sem darmos por isso, vamos aprendendo a cosinhar.

Devemos também prestar a nossa colaboração às obras de caridade, contribuir com o nosso pequeno trabalho para melhorar um pouco a miséria de tantos pobres.

Mesmo com estas pequeninas ocupações, teremos muito tempo para nos divertirmos.

Tôdas, ou quási tôdas, apreciamos os bons filmes, tôdas gostamos de ler os nossos autores preferidos, de passarmos as tardes na praia e de todos os divertimentos balneares.

Mas é preciso não esquecer que todos os dias da nossa vida são uma preparação para o futuro, para o papel que devemos desempenhar mais tarde. Precisamos de nos tornar mais fortes, quer física, quer moralmente. Nada de divertimentos mórbidos, que nos enfraquecem o espírito e nos amolecem a vontade. Porque não preferir os sãos divertimentos, que nos tonificam e nos dão a alegria necessária para contrabalançar os pequenos aborrecimentos inevitáveis da vida de cada dia? E' preciso saber rir, saber olhar com confiança para a vida, para sabermos incutir essa alegria e essa confiança naqueles que nos forem confiados, nos nossos filhos em primeiro lugar, aqueles em quem devemos pensar desde hoje, nos alunos, se formos professoras ou nas outras pessoas que estiverem à nossa guarda.

A maioria das raparigas terá à sua conta a educação dos futuros homens de Portugal, dêsses homens e dessas mulheres que deverão cada vez mais honrar o nome da nossa Pátria.

Para essa missão nos devemos preparar desde hoje. Como poderemos ensiná-los a ser fortes, se nós formos fracas? Como poderemos ensiná-los a ser rectos e leais, se nós formos indecisas na nossa vida, sem o nosso querer bem marcado?

Como poderemos ensiná-los a descobrir na vida as pequeninas alegrias que ela todos os dias nos oferece, se formos umas tristes que passamos os dias a chorar-nos e a queixar-nos? E' preciso que em todos os nossos dias de aulas e de férias, nos aperfeiçoemos, nos melhoremos, pois tôdas nós podemos valer mais do que valemos, para que a nova geração seja mais forte e tenha mais desenvolvidas as qualidades que nós possuímos, mas que não sabemos fazer valer.

Da nossa maneira de trabalhar, bem orientada, dos nossos divertimentos sãos, do nosso aperfeiçoamento moral e físico, depende o maior engrandecimento de Portugal.

Basta que tôdas nós o queiramos, num querer profundo e firme.

E' isto o que nos pede a M. P. F. e foi para realizar êste ideal que nos filiámos.

Maria Antónia Cabral

Filiada N.º 16.155 - Centro N.º 9 - Ala 5
Província da Estremadura

Uma filiada da M. P. F., chegadas as férias, deverá ser: para a família uma ajuda aceitando a sua tarefa com um sorriso nos lábios; para os mais pequeninos *uma companheira meiga e alegre, contando-lhes histórias moralistas que lhes prendam a imaginação e lhes corrijam os defeitos;* para os velhinhos *carinhosa e afável; e, acima de tudo, deverá ser tôda delicadeza e educação, duas preciosas virtudes que ela deverá aperfeiçoar durante as férias, em contacto com a sociedade.*

Deverá ser o confôrto dos pobres, preenchendo o tempo inútil com trabalhos para êles, catequizando as crianças e dando-lhes brinquedos velhos já desperdiçados no fundo dum armário.

Num passeio deverá ser uma companheira alegre e risonha, mantendo sempre a alegria à volta de si.

A uma festividade religiosa ou artística deverá dar o seu apoio e, mais que tudo, não se descurar na prática dos seus deveres religiosos, dando assim alto exemplo de compreensão do seu dever.

Aprendendo no viajar, praticando na enfermidade dum ente querido, aperfeiçoando-se nos trabalhos e afazeres caseiros, tornando ágeis as suas mãos num trabalhinho para os pobres ou até para si e educando-se em contacto com a sociedade e o povo, uma filiada da M. P. F. preencherá total e pràticamente as suas férias.

Eulália Trigo

Filiada N.º 3.921 - Centro n.º 6 - Ala 1
Província do Douro Litoral

Uma filiada da M. P. F. deve ocupar o seu tempo de férias da seguinte forma:

1.º — Dormindo um bocadinho mais do que no tempo das aulas, sem contudo se levantar muito tarde, porque além de ser anti-higiénico é um mau hábito que uma rapariga deve procurar nunca contrair;

2.º — arrumando em seguida o seu quartinho e auxiliando a dona de casa no seu arranjo;

3.º — o tempo que sobrar pode ocupá-lo fazendo roupinhas para os pobresinhos, aproveitando, para isso, roupas já usadas, se não puder adquirir tecidos novos. Com estas pecinhas de roupa irá atenuar a miséria das pobresinhas e sentirá um pouco de consôlo na alma por verificar que, sem sacrifício de maior, pode ser útil aos necessitados;

4.º — deve também dedicar-se um pouco à culinária, pois uma futura dona de casa precisa de aprender o que mais tarde tem de saber;

5.º — deve estudar ainda alguma coisa para não ter esquecido tudo quando reabrirem as aulas;

6.º — no resto do tempo deve brincar ou distrair-se em alguma coisa que pode ser ao memo tempo útil e agradável;

7.º — também faz bem ler livros instrutivos em que predominem os ensinamentos da moral;

8.º — aos domingos e dias santificados deve ir à missa como todos os bons cristãos.

Maria Adelaide Barbêdo Vaz

Filiada N.º 1 - Castelo do Centro N.º 1 - Ala 3
Província de Trás-os-Montes

(Continua)

SOLUÇÃO DAS CHARADAS:
MADRESILVA e SOFÁ